



CAPÍTULO 7

Relatos de vida
Conservar a história





Marta Leiva

Conservar o conhecimento na linhagem feminina da família

Marta aprendeu o uso das plantas medicinais de sua mãe, que era parteira e curandeira. «Resgatei tudo da minha mãe, a sabedoria dela». Marta é muito conhecedora das plantas e as usa principalmente com sua família. Desde que seus filhos eram crianças, curou-os com águas de ervas, cataplasmas, compressas etc.

Dona Herminia, a mãe de Marta, aprendeu sobre o uso de plantas medicinais por necessidade. «Ela adquiriu os conhecimentos das próprias necessidades que existem em um campo, porque lá era muito difícil chegar a uma farmácia. Então minha mãe curava nossos resfriados com mel. Fazia umas infusões, quando tínhamos tosse: folhinhas de abacateiro, flores de sabugueiro (é um arbusto), descascava os pauzinhos de «palqui» e servia chá dessa planta para nós, que tomássemos chazinho o dia todo. E, sabe, curava porque a tosse ia embora. Lá tudo era natural».

Dona Herminia era uma mulher muito especial e reconhecida em sua comunidade, onde ajudava com a saúde dos vizinhos. «Rezava quando as crianças tinham mau-olhado, com uns galhinhos de «palqui» fazia um *santihuai*,¹ mas seu principal trabalho era ser parteira. «Chegavam muitos, muitos para vê-la, chegavam à noite, inclusive às três da manhã: ‘minha esposa vai ter o bebê, está com todas as dores’. ‘Tá, levanta, Digno!’, dizia para o meu pai, ‘e vem me levar na casa da fulaninha de tal’. Aí partiam. E lá chegava a minha mamãe para auxiliar».

¹ N. da E.: Tipo de limpeza energética.

Quando uma mãe recorria à dona Herminia, ela preparava o lugar onde se ia dar à luz. «Buscava uma toalha de mesa dessas que eram acolchoadinhas. Colocava essa toalha para não manchar o colchão, e em cima colocava um lençol não usado que estivesse limpo». Depois colocavam os pés da mãe em mostarda. «Um banho de mostarda, isso ajudava a descer a criança». Depois, quando o bebê nascia, «a primeira coisa que minha mãe fazia era cortar o cordão, amarrar o cordãozinho. Ela sabia tudo na medida, não sei, parece que media com os dedinhos, e daí a essa altura cortava e depois amarrava. Outra pessoa se encarregava de lavar o neném, podia ser o pai, que estava de assistente. A primeira coisa que minha mãe fazia: ‘vai esquentar a água, vai esquentar a água!’. Tinham um lava-tório grande, desses que se usavam no campo. Ali lavavam o nenenzinho, secavam, vestiam e pronto».

As mães «eram bem lavadas com «matico» e tudo impecável. Nunca uma mãezinha ficou doente ou morreu no parto com ela, nem uma infecção, nada, e ela dava de beber, assim, chá, preparava para ela. Sem dúvida que fazia essas infusões, provavelmente até a borragem, para saírem todos os resíduos que ficam. E usavam pauzinhos de algo, um montão de ervinhas do campo».

Estando desde pequena ao lado de sua mãe, Marta foi aprendendo as artes da cura e assistiu dois partos. «Eu ajudei minha mãezinha a ajudar uma senhora, inclusive vi nascer um nenenzinho de pé».

Atualmente, Marta ensina o uso de ervas a uma de suas filhas. Desse modo, a arte de curar com plantas medicinais continua sendo transmitida dentro da sua família, assim como sua mãe, dona Herminia, fez com ela antes.



Victoria Nieto
O poder mágico das ervas

Victoria é terapeuta floral, de reiki e reflexologia. Vive na casa que antes era da sua avó, um terreno muito verde e frondoso. Conheceu as plantas medicinais com ela, que vivia em Linares: «Minha avó nasceu no campo e veio para a cidade lá pelos treze anos. Imagine você como seria, ou seja, o conhecimento que adquiriu nesses treze primeiros anos de vida, ela levou para toda a vida. Eu lembro que quando vivíamos em Valparaíso, era um quintal de cimento, mas ela deixava cheio de plantas em vasos. Ali ela plantava suas ervas, suas flores. Minha avó a vida inteira nos ensinou a usar as ervas».

Depois, a avó foi viver na Villa Alemana, em uma zona que, naquela época, era rural. «Quando nós viemos crianças para cá, não tinha água potável. Transportávamos água dali e dali para cima, onde tem um reservatório. Minha avó fazia engenharias para ter suas plantas medicinais. Aqui nunca faltou orégano, arruda, erva-cidreira, «congona» (*Peperomia inaequalifolia*), todas essas plantinhas básicas; salsinha, aipo, nunca faltavam. Minha avó fazia óleo de «congona» e colocava na gente para a dor de ouvido».

Victoria nos ensina sobre nossa relação com a terra, nossa interdependência com ela: «As plantinhas e as ervinhas brotam na casa quando você precisa delas. A terra é maravilhosa». Depois, quando a doença foi curada e a saúde recuperada, as plantas morrem.

Victoria ficou doente da tireoide: «Faz três anos eu me operei da tireoide, e eu dizia ‘O que está acontecendo?’. Não era tão chuvoso o ano e lá atrás ficou cheio de tanchagem, e eu, desligada, como andava em outra, nunca me dei conta, ou seja, não relacionei a questão. Agora eu digo que o inconsciente dizia: ‘Como está acontecendo isso comigo, é um milagre’. Era uma pastagem de tanchagem, impressionante, em pleno verão, e a tanchagem é de água. Então, quando depois eu caí numa depressão com a tireoide, terrível, que me deixou de cama, comecei a pesquisar sobre a tireoide, quando de repente encontro: ‘tireóides-tanchagem’, e aí estava. Tinha que mascar, comer todos os dias, comer duas ou três folhas, e aqui estou. Olha, comecei a fazer o que tinha que fazer e aqui estou, e acabou a tanchagem, porque estou curada».

Em outra oportunidade, deu duas plantas de presente para sua mãe: «Levei para ela uma arrudinha e coloquei ali, porque as plantas também te protegem energeticamente, então coloquei uma arruda ali e uma lúcia-lima. São as duas plantas que fizeram com que ela progredisse muito, e justamente ela sofre do estômago. É muito nervosa, você sabe que essa questão está relacionada, o cólon e o sistema nervoso, e justamente são essas duas plantas que a ajudaram, porque ela precisa delas, porque são sábias as plantas».

Para Victoria, o uso medicinal está fortemente ligado ao uso mágico. As plantas são portadoras de segredos populares e tradicionais, e Victoria é uma testemunha viva de tais crenças.



Carina Curaqueo

Aplicação de ervas medicinais em cosmética natural

Carina Curaqueo nos recebeu em sua casa em Olmué. Ali mesmo tem sua empresa familiar de cosmética natural junto com seu esposo. Tem 33 anos e é mãe de dois meninos. O uso de ervas medicinais e de tratamentos naturais foi uma constante durante suas gestações, seus partos e a criação de seus filhos. Além disso, trabalha com aromaterapia, que é a aplicação de óleos essenciais para o tratamento de doenças ou mal-estares em diferentes preparações, como vaporizações, cremes e banhos, entre outras.

Por exemplo, para tratar a micose com aromaterapia, Carina recomenda aplicar três gotinhas do óleo essencial de melaleuca sobre a calcinha ou sobre uma toalhinha de protetor diário. Esse óleo essencial é um dos dois que podem ser aplicados diretamente na pele (junto com o de lavanda). É um óleo considerado de primeiros-socorros, e é muito efetivo para tudo o que tem a ver com o tratamento de fungos, bactérias, herpes e aftas.

Carina nos comentou que participa de um círculo de mulheres que se reúnem em busca de um caminho espiritual, no qual compartilham suas experiências e vivências cotidianas. A partir daí conclui que os mal-estares das mulheres estão geralmente associados a temas emocionais ou às múltiplas obrigações diárias às quais as mulheres estão submetidas. «Eu penso que nos debatemos entre ser mulher, entre fazer o que você gosta e tudo o que você tem que fazer, tentando ser feliz, se sentir digna, andar de cabeça erguida pela rua e não sentir que tudo te esmaga. Eu penso que isso é o mais comum entre as mulheres».

Sobre esses problemas emocionais, Carina comenta que as infecções urinárias – uma doença muito comum entre as mulheres – têm a ver com a água do corpo, que é um campo emocional, que, por sua vez, tem a ver com o medo e está conectado aos rins, que atuam como filtro. E é ali que precisamos conferir quais emoções estamos alimentando, o que está acontecendo com os medos que têm a ver com a sexualidade, com o «ser» mulher.

Sobre o uso de ervas medicinais, Carina aprendeu de sua mãe, que trabalhou com a comercialização dessas plantas desde que ela era pequena. Assim nasceu sua inquietude com o tema da saúde. Inicialmente pensou em estudar medicina, mas o encontro com seu esposo, que já tinha um caminho de vegetarianismo e medicina natural, fez com que ela percebesse que existem outras possibilidades distintas da medicina convencional, e seguiu outro caminho.

Começou estudando barroterapia, hidroterapia e fitoterapia na Villa Natural de Tomás Moro. Depois, estudou florais de Bach, e ali começou a se introduzir na cosmética. Seu primeiro passo foi fazer óleos para massagens, nos quais aplicava seu conhecimento sobre ervas naturais.

Uma vez participou de uma feira de Natal em Santiago, em Pío Nono, onde alugou uma banca compartilhada com umas amigas. Para sua surpresa, na primeira semana vendeu toda a produção. Foi assim que descobriu que havia uma necessidade de produtos naturais em cosmética e decidiu criar sua própria empresa familiar, chamada «Terra Luz».



Silvia González Caneo

Transmitir o conhecimento ancestral a pacientes de um consultório

Silvia González Caneo, erveira e comerciante mapuche, atende a *pichiruka*² «Kushe Papai»,³ localizada dentro do mesmo recinto do consultório médico de Villa Alemana, em Punte Negro. Seu trabalho faz parte de um plano de medicina intercultural do centro hospitalar. O conhecimento tradicional de Silvia sobre o uso de ervas naturais tem um papel fundamental.

Nesse espaço, entrega às pessoas que a consultam alternativas naturais para tratar os mesmos males ou doenças que as levaram inicialmente ao consultório para serem atendidas com medicina alopática. É curioso ver como, depois de se tratarem com profissionais que em geral prescrevem remédios químicos, as pessoas passam a perguntar e a comprar as ervas que são oferecidas na *ruka*.

Durante nosso encontro com Silvia, na *ruka*, não paravam de chegar pessoas para se consultar – em especial mulheres – buscando uma alternativa natural para os mal-estares que as tinha levado ao consultório médico. Na *ruka* encontramos todo tipo de ervas medicinais e alimentos naturais, e sua decoração nos remete à origem mapuche de Silvia.

² N. da E.: A “ruka” é a construção mais importante na arquitetura mapuche. Em mapudungun (língua dos mapuche) significa “casa”, e “pichi” significa “pequeno”. Desse modo, “pichiruka” quer dizer “pequena casa”, construída desse modo tradicional.

³ N. da E.: *Kushe Papai* significa “minha avó” em idioma mapudungun.

Um ano antes da nossa conversa, Silvia trabalhava vendendo ervas medicinais como comerciante ambulante nos arredores do consultório.

Ela é *lawentuchefe*. Seu bisavô e avô eram *machis* da zona do Alto Bío Bío, por isso, desde pequena, aprendeu sobre o uso de plantas medicinais para tratar doenças e mal-estares.

Silvia cultiva plantas em sua casa e também sai para colher ervas nos arredores: os cerros de Olmué, Quebrada Alvarado e Los Andes são alguns dos lugares que percorre habitualmente. Depois da colheita, as plantas são desfolhadas e colocadas sobre balcões para secar à sombra. Ao anoitecer, cobre-as para proteger dos insetos.

Ao longo da nossa conversa, foi interessante constatar que, segundo Silvia, as doenças nervosas são as mais frequentes entre as mulheres. Silvia destacou o cólon irritável como uma questão permanente entre suas pacientes, fato que atribui a estados depressivos e estresse próprios das exigências da vida moderna. Somam-se à lista de transtornos frequentes a alta de colesterol, a diabetes, a osteoporose e as úlceras.

Para Silvia, as pessoas estão voltando ao natural, e o maior uso de plantas medicinais é um reflexo disso. Enquanto isso, o conhecimento ancestral que lhe foi transmitido hoje é difundido no atendimento que faz a quem se aproxima da *ruka* em busca de uma solução mais saudável para seus problemas de saúde ou mal-estares físicos e emocionais.